

Foto: Sandra A. Santos



Controle de aromita em pastagens exóticas em uma fazenda do Pantanal, Miranda, MS

Sandra Aparecida Santos¹
Edgar Ribeiro Silva²
Genésio Ferreira Oliveira³
Sandra Mara Araújo Crispim⁴
Leilane Cristine Freitas Silva⁵
Gianni Aguiar da Silva⁶

Introdução

A pecuária de corte na região pantaneira caracteriza-se pela criação extensiva em grandes propriedades. A base alimentar dos bovinos consiste de pastagens nativas, embora em muitas fazendas predomine pastagens exóticas introduzidas, com a finalidade de aumentar a disponibilidade de volumoso para os animais. A capacidade de suporte das pastagens é variável em função da disponibilidade e qualidade das forrageiras (SANTOS et al., 2011). Atualmente, um dos principais problemas enfrentados pelos fazendeiros do Pantanal é a diminuição da capacidade de suporte tanto das pastagens nativas, como exóticas, decorrente da invasão por espécies arbustivas (SANTOS et al., 2006), tais como canjiqueira (*Byrsonima cydoniifolia* A.Juss.), assa-peixe (*Vernonanthura brasiliensis* (L.) H.Rob.), arbóreas, como cambará (*Vochysia divergens* Pohl), lixeira (*Curatella americana* L.) e espécies herbáceas como malva-branca (*Waltheria albicans* Turcz.) e guanxuma (*Pavonia sidifolia* Kunth, *Piriqueta corumbensis* Moura e *Turnera melochioides* Cambess.).

Em áreas de solos mais argilosos férteis, principalmente calcários, como os encontrados na sub-região de Miranda, uma das invasoras arbóreas mais agressiva é a aromita (*Vachellia farnesiana* (L.) Wight & Arn.); sendo dominante em vegetação secundária em áreas antropizadas, principalmente na planície de inundação de rios e na beira da estrada.

A dominância de determinada espécie invasora depende das condições locais (solo, clima) e da ação antrópica (manejo, controle, etc.).

Este estudo objetivou definir possíveis estratégias de controle da aromita em pastagens exóticas implantadas na década de 70 em uma fazenda no Pantanal de Miranda, MS. Como base de partida levou-se em conta as informações relatadas pelo diretor e pelo supervisor dessa fazenda sobre o controle desta invasora, nos últimos 20 anos, que foi acrescido com um diagnóstico rápido do estado de conservação e grau de invasão das pastagens.

Material e Métodos

Este estudo foi realizado em áreas de pastagens cultivadas invadidas pela aromita, numa fazenda localizada na sub-região de Miranda, MS. As pastagens foram formadas principalmente na década de 70, em áreas de mata utilizando as seguintes espécies forrageiras: *Panicum maximum*, *P. maximum* cv. Tanzânia, *Urochloa humidicola* (= *Brachiaria humidicola*), *Urochloa ruziensis* (= *Brachiaria ruziensis*), *Urochloa mutica* (= *Brachiaria mutica*), *Urochloa brizantha* (= *Brachiaria brizantha*, *B. brizantha* cv. MG5).

¹ Zootecnista, Dra., Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900 Corumbá, MS (sandra.santos@embrapa.br)

² Diretor da Fazenda Bodoquena

³ Supervisor da Fazenda Bodoquena

⁴ Engenheira Agrônoma, M.Sc., Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900 Corumbá, MS (sandra.crispim@embrapa.br)

⁵ Bolsista PIBIC-UFMS e Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109 79320-900, Corumbá, MS (lei_lane_2@hotmail)

⁶ Zootecnista, M.Sc., Instituto de Zootecnia de Nova Odessa, Nova Odessa, SP (gianniaguiar@yahoo.com.br)

Em abril de 2010, percorreu-se de carro a fazenda juntamente com o diretor e o supervisor (que acompanham o manejo das pastagens nos últimos 20 anos). Em cada tipo de pastagem, avaliou-se o grau de infestação (alto, médio e baixo) (Figura 1) e o estado de conservação das pastagens pelo método da pirâmide (PASSOS, 2003), em pontos representativos da pastagem. Em cada ponto, num raio de cinco metros, foi avaliado o número de plantas e de espécies por estrato (arbóreo, arborescente, arbustivo, subarbustivo e herbáceo), como também a abundância/dominância por meio da porcentagem de cobertura do solo.

Concomitantemente, o supervisor e o diretor relatavam todo o histórico de manejo da pastagem. Eles usaram vários métodos de controle tais como: corte manual associado ou não com óleo diesel ou produto químico, controle mecânico com correntão, uso do fogo, controle integrado, entre outros, explicando as estratégias de sucessos e insucessos.

Observou-se uma variação na densidade de aromita no estrato arbóreo, desde baixa (128 plantas/hectare) a altíssima (5.256 plantas/hectare). O grau de infestação mais alto foi observado nas pastagens de hábito cespitoso e que não tiveram controle constante da invasão. Atualmente, o principal método de controle adotado na fazenda tem sido o mecânico (corte da planta) associado ao químico, herbicida aplicado no toco com pulverizador costal manual. Porém, nem sempre é efetivo como pode ser visto na Figura 2, que mostra a planta rebrotando do toco. Na Figura 3 pode ser vista a plântula e as sementes da aromita.

O controle mecânico com correntão e/ou grade também é utilizado na fazenda, geralmente até o mês de março, quando o solo ainda está seco, logo após a retirada do gado. Este método de controle, também não se tem mostrado eficiente, pois as plantas novas não são eliminadas e voltam a infestar a área.

Fotos: Sandra A. Santos

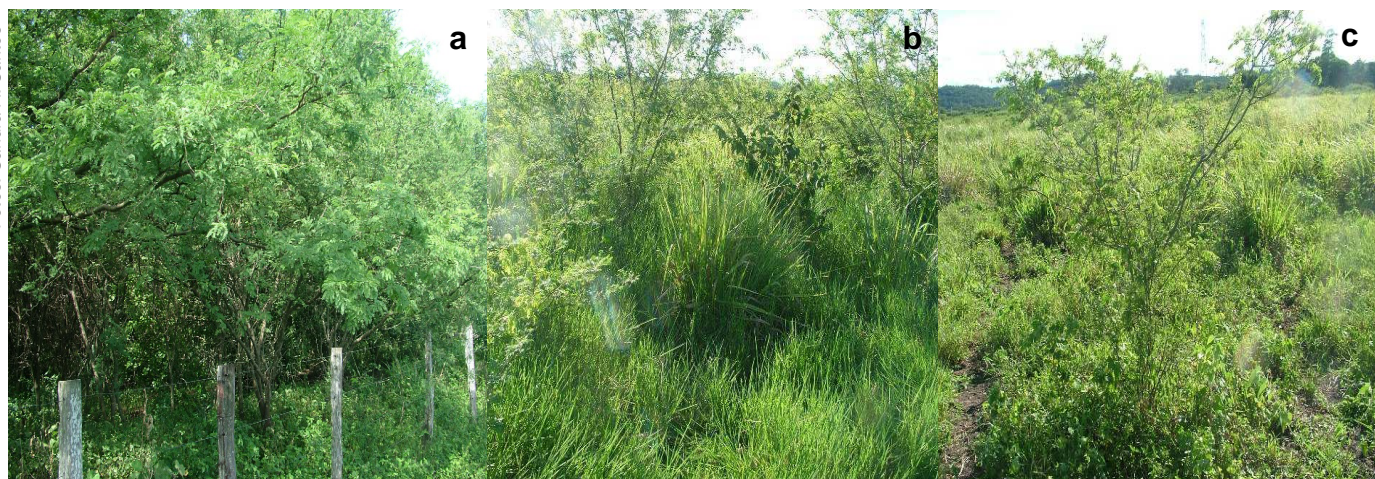


Figura 1. Densidades alta (a), média (b) e baixa de aromita (c) no campo.



Figura 2. Planta de aromita brotando do toco.



Figura 3. Plântula e sementes de aromita.

Na Figura 4, pode-se observar o comprimento e o vigor das raízes das plantas jovens de aromita. Essa estrutura radicular, juntamente com a grande produção de sementes viáveis, garante a sua persistência e capacidade de invasão.

É uma planta de crescimento rápido, cuja copa densa, muitas vezes, sombreia toda a área impedindo o crescimento das gramíneas. A presença de poucas gramíneas sob a copa das plantas de aromita pode indicar também efeito de alopatia.

As sementes possuem tegumento duro, levando muitas ao estado de dormência, garantindo assim a sua germinação em anos subsequentes. Devido a esta característica, a germinação melhora após ser ingerida pelo gado e animais silvestres ou após a passagem do fogo.

Na opinião do supervisor e do diretor, o principal disseminador da aromita tem sido o gado a partir das fezes. Assim, para eles a principal estratégia de controle seria o controle biológico, pois observaram que, determinado fungo pode matar as sementes, cuja produção começa a partir de dois a três anos de idade.

A partir da avaliação das pastagens observou-se que, nas áreas formadas por espécies forrageiras que cobrem totalmente o solo, como *Urochloa humidicola* e *U. brizantha* cv.MG5, a aromita mostrou uma densidade mais baixa. Enquanto que, nas pastagens formadas por espécies do gênero *Panicum*, uma maior densidade de aromita foi observada, devido ao hábito cespitoso dessas espécies, que proporciona manchas de solos desnudos, que favorecem a germinação das sementes de aromita que se encontram no banco de sementes do solo.

Foto: Sandra A. Santos



Figura 4. Raízes de plantas de aromita jovens.

Considerações Finais

Considerando aspectos ambientais, conclui-se que a aromita pode ser controlada por meio da escolha de espécies forrageiras, que cobrem totalmente o solo associado com o manejo adequado das pastagens. Porém, o diretor da fazenda considera que essas espécies com maior cobertura de solo, em geral possuem de baixa a média produtividade e qualidade inferior comprometendo o rendimento econômico da fazenda.

Os responsáveis pela fazenda pretendem avaliar o uso integrado de lavoura e pastagem como uma outra estratégia para controlar a aromita. Eles mostraram uma grande preocupação na busca de métodos sustentáveis de controle, que protejam o ambiente, e que também proporcionem rendimento econômico, pois sabem das consequências negativas do uso de controle químico. O relato dessa experiência, associado com o diagnóstico rápido do estado de conservação das diferentes pastagens, foi de extrema importância para avaliar a eficiência do manejo adotado e identificar as prováveis falhas e as demandas para futuros estudos.

Referências

PASSOS, M. M. **Biogeografia e paisagem**. Maringá: [s.n.], 2003. 264 p.

SANTOS, S. A.; DESBIEZ, A. L.; CRISPIM, S. M. A.; COMASTRI FILHO, J. A.; ABREU, U. G. P.; RODELA, L. G. Natural and cultivated pastures and their use by cattle. In: JUNK, W. J.; CUNHA, C. N.; WANTZEN, K. M. (ed.) **The Pantanal: ecology, biodiversity and sustainable management of a large neotropical seasonal wetland**. Sofia: Pensoft Publisher, 2011.

SANTOS, S. A.; CUNHA, C. N.; TOMÁS, W. M.; ABREU, U. G. P.; COUTO, J. A. **Plantas invasoras no Pantanal: como entender o problema e soluções de manejo por meio de diagnóstico participativo**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2006. 45 p. (Embrapa Pantanal. Boletim de Pesquisa, 66).

Como citar este documento

SANTOS, S. A.; SILVA, E. R.; OLIVEIRA, G. F.; CRISPIM, S. M. A.; SILVA, L. C. F.; SILVA, G. A. **Controle de aromita em pastagens exóticas em uma fazenda do Pantanal, Miranda, MS**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2014. 3 p. (Embrapa Pantanal. Comunicado Técnico, 97). Disponível em: <www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/COT97.pdf> Acesso em: 19 dez. 2014.

Comunicado Técnico, 97

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento



Embrapa Pantanal
Endereço: Rua 21 de Setembro, 1880
Caixa Postal 109
CEP 79320-900 Corumbá, MS
Fone: 67-3234-5800
Fax: 67-3234-5815
www.embrapa.br/fale-conosco/sac/

1ª edição (2014): formato digital

Comitê Local de Publicações

Presidente: Suzana Maria Salis
Membros: Ana Helena B. M. Fernandes
Dayanna Schiavi N. Batista
Sandra Mara Araújo Crispim
Vanderlei Donizeti A. dos Reis
Secretária: Eliane Mary Pinto de Arruda

Expediente

Supervisora editorial: Suzana Maria Salis
Editoração eletrônica: Eliane Mary Pinto de Arruda
Disponibilização na home page: Marilisi Jorge da Cunha